BOLETIM

P R O E A L C

Centro de Ciências Sociais / CCS – Julho – Agosto – Setembro – ISSN 2175-9103 Nº86

Boletim Número 86
Data: Julho – Agosto – Setembro/2020

EDITORIAL

O Boletim PROEALC no 86 é editado no momento em que o Brasil e o mundo enfrentam a pandemia de coronavírus (COVID-19), cujos casos ultrapassaram os 84 mil mortes no mês de julho. Diante dessa crise, a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal) e a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) alertaram para os perigos caso a curva não seja achatada. Economicamente, a América Latina poderá vive uma recessão histórica, em que a taxa de desemprego pode chegar a 13,5% e o índice de pobreza pode subir 7 pontos. No mês de julho, o Brasil bateu o recorde de número diários de casos, contabilizando mais de 1000 mortes em 24h, e a América Latina se tornou, em agosto, a região com mais número de óbitos por COVID-19 em todo o mundo. Em meio a pandemia, o Brasil atingiu mais de 7 mil registros de incendios em suas matas. O número de focos na região da Amazônia, no mês de agosto, foi o maior dos últimos 22 anos. O Estado registrou um aumento de 51,7% na quantidade de queimadas em comparação com o mesmo mês no ano passado e cientistas alertaram para o descaso do governo federal no combate às queimadas. Como consequência, a ex-presidente do Chile e alta comissária da ONU para os Direitos Humanos, Michelle Bachelet criticou o Brasil na abertura do Conselho de Direitos Humanos em Genebra, no mês de setembro, destacando os relatos de violência rural e ataques aos defensores dos direitos humanos e a jornalistas. Ao final, os estragos econômicos e sociais produzidos pela pandemia mostram que quase 80% dos latinos-americanos não conseguem sobreviver a três meses de renda, evidenciando vulnerabilidade econômica das famílias nesse período de crise. Tendo um vista os últimos acontecimentos, o panorama para o futuro da América Latina é preocupante.

Profa. Dra. Silene de Moraes Freire
Coordenadora do PROEALC/CCS/UERJ

Em Foco I

América Latina viverá a recessão "mais abrupta da história", alerta Cepal

Por Federico Rivas Molina
31/07/2020

A reativação econômica da América Latina terá que esperar. Um novo relatório da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal) e da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) adverte que, se a curva de contágios da covid-19 não for achatada o quanto antes, as consequências serão devastadoras. A região registra 4,5 milhões de casos positivos da doença e quase 190.000 mortes, além de problemas como a taxa de informalidade trabalhista superior a 50%, desemprego, pobreza, desigualdade e sistemas de saúde frágeis. Em um cenário semelhante,

qualquer hipótese de recuperação é especulativa. “No plano social e econômico, a pandemia desatou uma inédita crise econômica e social e, se não forem tomadas medidas urgentes, poderia se transformar em uma crise alimentar e humanitária”, adverte o documento, apresentado pela comissão nesta quinta-feira na sua sede, em Santiago, através de videoconferência.

O panorama econômico descrito pela Cepal e pela OPAS para a América Latina é desolador. A recessão provocada pela pandemia “é a mais abrupta da história”, com uma queda média superior a 9% nos PIBs nacionais em 2020. Os demais indicadores acompanharão o desmoronamento: o desemprego chegará a 13,5%, a pobreza subirá sete pontos, indo a 37,3%, e a desigualdade se agravará ainda mais, com uma alta de 4,9 pontos no índice de Gini. “Os altos graus de desigualdade acompanhados de elevados níveis pobreza, informalidade, desproteção social e limitado acesso à saúde oportuna e de qualidade explicam os altos custos sociais que a pandemia está tendo na região”, diz o relatório.

As fragilidades estruturais golpeiam com mais força os mais pobres, que não podem destinar recursos próprios a custear gastos extraordinários em saúde, ao mesmo tempo em que sua renda se ressente da paralisia econômica. A Cepal calcula que 95 milhões de pessoas devem pagar gastos de saúde do seu próprio bolso, e que pelo menos 12 milhões ficarão ainda mais pobres devido a estes desembolsos. A urgência deve deixar claras as prioridades. A secretária-executiva da Cepal, Alicia Bárcena, adverte que “não há dilema entre saúde ou economia, porque o primeiro é a saúde”.

A pandemia expôs a fragilidade dos sistemas públicos de saúde, resultado de anos de baixo investimento: 4% do PIB, contra 6% recomendados pela OMS. “A covid-19 evidenciou fragilidades dos sistemas de saúde da América Latina. São sistemas de saúde segmentados e fragmentados”, diz Bárcena. A situação é tão grave que a diretora da OPAS, Carissa Etienne, diz que a região pode “perder em alguns meses vários anos de avanços no âmbito da saúde”. “Enfrentamos um desafio sem precedentes. É necessário criar condições econômicas e sanitárias para que não deixemos ninguém para trás”, diz.

A Cepal ensaia modelos de solução, baseados no apoio público aos setores mais vulneráveis. “Precisamos mudar nosso modelo de desenvolvimento, nosso paradigma, torná-lo mais sustentável e habitável”, diz Bárcena. “O grande desafio”, acrescenta, “é que haja um novo pacto para construir um Estado de bem-estar com políticas sociais de ampla cobertura. Por exemplo, as mulheres que estão a cargo dos cuidados deveriam receber uma renda básica, porque o que estão fazendo é um serviço à sociedade”. Entre as políticas de Estado necessárias para rebater os efeitos dela crise, a Cepal propõe uma renda básica emergencial, um bônus contra a fome e planos de proteção do setor produtivo, além da consolidação de sistemas universais de proteção social e a adoção de políticas fiscais progressivas.

Link: https://brasil.elpais.com/economia/2020-07-31/america-latina-vivera-a-recessao-mais-abrupta-da-historia.html?fbclid=IwAR1gxCNdL_6MD5X2Ko6vFL-vBRKTJLVUimea1VAZc_RqV58pKLDe9FzMtcQ

Em Foco II

Brasil passa de 84 mil mortes por coronavírus e registra quase 60 mil novos casos

Por: Gabriel Araujo
23/07/2020

O Brasil registrou nesta quinta-feira 59.961 novos casos de coronavírus, atingindo um total de 2.287.475, informou o Ministério da Saúde, no que se torna o segundo dia com maior número de infecções confirmadas desde o início da pandemia.

O país ainda contabilizou nas últimas 24 horas mais 1.311 óbitos em decorrência da doença, o que eleva a contagem total de mortes a 84.082.

Na véspera, o Brasil havia verificado um recorde diário no número de casos, com mais de 67 mil, depois que alguns Estados reportaram dificuldades no preenchimento de dados durante o final de semana, provocando um acúmulo nos registros.

Além disso, o recorde de casos também ocorreu após o ministério publicar uma portaria exigindo que todos os testes de Covid-19 realizados no Brasil passassem a ser notificados -- antes, a contabilização englobava apenas laboratórios oficiais e parte da rede privada.

O Brasil é o segundo país do mundo com maior número de casos e mortes por coronavírus, atrás apenas dos Estados Unidos.

Em entrevista coletiva concedida em visita ao Paraná nesta quinta-feira, o ministro interino da Saúde, general Eduardo Pazuello, reforçou as diferenças entre as curvas de óbito e contágio, voltando a dizer que é natural que o número de casos aumente no período de inverno.

"Uma coisa é a curva crescente de contaminação, outra coisa é a curva de óbito... Cabe a nós, gestores, evitar que a curva de óbito 'plugue' na curva de contaminação", afirmou Pazuello, que na quarta-feira já havia dito que vê o número de mortes "sob controle".

São Paulo continua sendo o Estado mais afetado pela doença no país, com 452.007 casos e 20.894 óbitos. Nesta quinta, depois de o Estado registrar na véspera o segundo dia com maior número de infecções desde o início da pandemia, o governo disse que o alto número deveu-se justamente à instabilidade na base de dados do Ministério da Saúde.

Os mais de 12 mil casos verificados em São Paulo nesta quinta também possuem um "rescaldo de notificações" pendentes por causa do problema técnico, segundo o governo estadual. [nL2N2EU1EA]

Na sequência da lista do ministério dividida por Estados vêm Ceará e Rio de Janeiro --o Estado nordestino possui maior contagem de casos (156.242, ante 151.549 no Rio), mas o número de óbitos é maior no Estado do Sudeste (12.535, ante 7.374 no Ceará).

Enquanto isso, Minas Gerais se juntou ao grupo de Estados brasileiros com mais de 100 mil casos confirmados de Covid-19, no qual também já estavam Pará, Bahia e Maranhão.

O Brasil possui 1.570.237 pacientes recuperados da doença, além de 633.156 em acompanhamento, de acordo com o ministério.

Link: https://extra.globo.com/noticias/economia/brasil-passa-de-84-mil-mortes-por-coronavirus-registra-quase-60-mil-novos-casos-24547974.html

Em Foco III

América Latina é a região do mundo com mais mortes por Covid-19

Por: Julia Braun
07/08/2020

A América Latina se tornou nesta sexta-feira, 7, a região do mundo com mais óbitos pela Covid-19 ao ultrapassar as 213.000 mortes, superando assim o número de falecimentos registrados na Europa, segundo uma contagem da agência de notícias AFP baseada em dados oficiais.

Com 213.120 mortes pelo novo coronavírus, a região da América Latina e do Caribe superou o total de 212.660 óbitos na Europa. Ao todo, o coronavírus já infectou mais de 17 milhões de pessoas em todo o mundo e matou 716.327.

A população total da América Latina e Caribe é estimada em pouco mais de 600 milhões de habitantes, enquanto a da Europa está em torno de 741 milhões. As regiões mais populosas do planeta são a África e a Ásia, com 1,2 bilhão e 4,4 bilhões de pessoas, respectivamente.

O país com maior número de mortos e casos na América Latina é o Brasil, com 2,9 milhões de infectados e 98.400 óbitos. Ao menos 2,2 milhões de brasileiros se recuperaram. A nação só é superada no mundo pelos Estados Unidos, que atualmente contabiliza 4,9 milhões de casos e 160.000 mortes.

Apesar dos números totais preocupantes no Brasil, a taxa de letalidade caiu pela metade em três meses. As razões para essa queda incluem o aumento da testagem e a melhora na capacidade de tratamento dos casos mais graves.

O índice brasileiro é melhor que o mundial, que hoje está em 3,8%, e ao de países da Europa como Alemanha (4,3%), Suécia (7,1%), Itália (14,2%), Espanha (9,9%). Por outro lado, é superior ao da Índia e Estados Unidos (3,3%), de acordo com informações do Our World in Data.
Na América Latina ainda se destacam negativamente México, Peru, Chile e Colômbia, que ocupam respectivamente o sexto, sétimo, oitavo e novo lugares na lista de países com mais casos. O México tem também o terceiro maior número de óbitos do mundo, com 50.517 mortes registradas até esta sexta.

Link: https://veja.abril.com.br/mundo/america-latina-e-caribe-e-regiao-do-mundo-com-mais-mortes-pela-covid-19/

Em Foco IV

Com mais de 7 mil registros, nº de focos de queimadas no AM em agosto é o maior dos últimos 22 anos

Por: Matheus Castro
29/08/2020

O número de focos de queimadas registrados no Amazonas atingiu 10.234 este ano, conforme dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). Desse total, mais de 7,6 mil ocorreram somente em agosto, maior registro para esta época desde 1998, quando os dados passaram a ser divulgados.

O mês de agosto costuma ser o mais seco do ano na região e também é o período em que ocorrem os maiores índices de queimadas. Especialistas afirmam que o fogo é consequência de incêndios criminosos e de políticas anti-ambientais.

No primeiro semestre do ano, o Estado já havia registrado um aumento de 51,7% na quantidade de focos de queimada, em comparação com o mesmo período do ano passado. O quantitativo de queimadas no primeiro semestre deste ano bateu recorde dos últimos quatro anos no estado.

De 1 até o dia 27 de agosto, foram contabilizados 7.620 focos ativos de queimadas no Estado, 952 a mais que em 2019, que teve 6.668 registros, o segundo maior número no período de acompanhamento. O terceiro maior número de focos no mês de agosto aparece em 2005, com 5.981, e na quarta posição vem o dado de 2010, com 5.261.

Segundo o Inpe, os três municípios mais afetados são, até o momento, Apuí, com 2.284 registros; Novo Aripuanã, com 1.415; e Lábrea, com 1.217 focos ativos.

Ainda conforme o monitoramento parcial do ano, o Amazonas, Pará e Mato Grosso concentram os maiores focos de queimadas no país.

O cientista e doutorando em Biologia (Ecologia) pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), Lucas Ferrante, falou que o aumento no número de queimadas é reflexo de uma série de ações do Governo Federal.

"Esse aumento, tanto de queimadas quanto no número de desmatamentos, é fruto de uma política anti-ambiental, que tem sucateado os órgãos ambientais e instituído uma militarização desses órgãos, justamente para impedir esses órgãos de atuarem no combate ao desmatamento e as queimadas, principalmente em prol de um sistema ruralista, que tende a querer ocupar novas áreas na Amazônia", denunciou.

O cientista explicou que o mês de agosto costuma registrar os maiores índices de queimadas no ano, por conta do início do período seco na Amazônia. De acordo com ele, há estudos que confirmam que, mesmo na época da seca, a floresta pega fogo apenas por incêndios criminosos.

Todos os dados do monitoramento de queimadas produzidos pelo Inpe são atualizados automaticamente após a passagens dos satélites utilizados, explicou o órgão.

Sobre o aumento nos focos de queimadas, a Secretaria de Estado do Meio Ambiente (Sema) informou que tem priorizado o combate ao desmatamento e às queimadas ilegais no estado, a partir do decreto de emergência ambiental, em 21 de maio.

De acordo com a secretaria, o decreto adiantou em três meses o início da Operação Curuquetê 2, que está na segunda fase de ações articuladas no Sul do Amazonas. "Nesta etapa, as ações estão concentradas especialmente no município de Apuí - que lidera o número de focos de calor registrados em 2020 no estado. Os pontos críticos são sobretudo os assentamentos e glebas federais", informou.

O governo cita também a criação do Plano de Prevenção e Controle ao Desmatamento e Queimadas do Amazonas (PPCDQ-AM), que tem com foco inicial na estruturação das ações de comando e controle executadas na Operação Curuquetê 2, e a análise diária dos focos de calor e o monitoramento dos alertas de desmatamento, a partir de dados do Inpe.

"A partir do cruzamento de dados, técnicos da Secretaria do Meio Ambiente geram informações georreferenciadas para o alinhamento estratégico das equipes de fiscalização em campo, coordenadas pelo Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas (Ipaam)", diz.

Nova política de controle

Nesta sexta-feira (29), o Ministério do Meio Ambiente anunciou que, a partir de segunda (28), as ações de combate ao desmatamento ilegal na Amazônia serão suspensas.

Em nota, o órgão afirmou que suspensão é motivada por um bloqueio financeiro determinado pela Secretaria de Orçamento Federal em verbas do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio).

A decisão vem na contramão de uma declaração do vice-presidente da República e chefe do Conselho da Amazônia, general Hamilton Mourão, que, em julho, disse a representantes de fundos globais que o país teria bons resultados a mostrar no combate às queimadas na Região.

Mourão afirmou no fim da tarde desta sexta-feira (28) que o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, se precipitou ao anunciar a suspensão das operações de combate ao desmatamento e às queimadas na floresta amazônica e no Pantanal.

Segundo Mourão, o bloqueio orçamentário de R$ 60,6 milhões do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) — apontado pelo Ministério do Meio Ambiente como motivo para a suspensão das operações, anunciada nesta sexta — não será efetuado.

Link: https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2020/08/29/com-mais-de-7-mil-registros-no-de-focos-de-queimadas-no-am-em-agosto-e-o-maior-dos-ultimos-22-anos.ghtml

Em Foco V

Destruição ambiental e ataques a direitos humanos no Brasil voltam à pauta política da Europa

Por: Eduardo Moretti
15/09/2020

Ex-presidente do Chile e alta comissária da Organização das Nações Unidas (ONU) para Direitos Humanos, Michelle Bachelet fez duras críticas ao Brasil no discurso de abertura no Conselho de Direitos Humanos da entidade, nesta segunda-feira (14), em Genebra. “Do Brasil, estamos recebendo relatos de violência rural e despejos de comunidades sem terra, bem como ataques a defensores dos direitos humanos e jornalistas, com pelo menos dez assassinatos de defensores dos direitos humanos confirmados este ano”, declarou.

Bachelet denunciou ainda, segundo o colunista Jamil Chade, o desmonte de sistemas de participação da sociedade civil na formulação de políticas públicas, além da crescente participação de militares em assuntos de gestão pública. “Embora se reconheça o contexto desafiador da segurança, qualquer uso das forças armadas na segurança pública deve ser estritamente excepcional, com supervisão eficaz”, afirmou a dirigente.

Na opinião da deputada federal Maria do Rosário (PT-RS), ministra da Secretaria Especial de Direitos Humanos no primeiro mandato de Dilma Rousseff (2011-2014), a importância do discurso de Bachelet está no fato de se inserir num contexto mundial de mobilizações e denúncias contra as queimadas na Amazônia e no Pantanal, e também contra as violações aos direitos humanos no governo de Jair Bolsonaro.

Imagem negativa

No início do mês, um estudo encomendado pelo Parlamento Europeu sugeriu a possibilidade de emitir um alerta ao Tribunal Penal Internacional (TPI) em Haia, na Holanda, com denúncia de crime contra a humanidade pela situação de destruição da floresta amazônica.

“As questões ambientais no Brasil têm chamado atenção internacionalmente, de modo muito forte, porque também violam os direitos humanos e têm impactos econômicos”, na opinião da deputada.

Para o professor da Universidade Federal do ABC Giorgio Romano Schutte, o grande assunto hoje, no âmbito da ONU, é a disputa entre Estados Unidos e China e, nesse contexto, as questões brasileiras acabam atraindo menos interesse. Seja como for, acrescenta, a imagem do país é hoje muito negativa. Na terça-feira que vem (22), o presidente brasileiro fará o discurso de abertura da Assembleia Geral da ONU, em evento que será realizado pela primeira vez remotamente, devido à pandemia de coronavírus.

O lugar do Brasil na mídia internacional, hoje, é ocupado sobretudo pelas questões Amazônia e pandemia, observa. “Espera-se alguma resposta do Brasil nesses dois temas, porque em relação a eles a imagem do Brasil é muito ruim, sobretudo na Europa.”

“O Paulo Guedes (ministro da Economia) vai querer que Bolsonaro fale de oportunidades que existem no Brasil, que se está criando uma situação favorável aos investimentos, que o país está se preparando para a fase pós-pandemia. Talvez Bolsonaro queira se defender na questão da Amazônia”, aponta Giorgio. Para ele, Bolsonaro provavelmente vai dizer que o Brasil “está firme” na defesa da Amazônia, e reagindo aos ataques contra a soberania.

Impacto econômico

Para Maria do Rosário, outro tema que atualmente chama a atenção do mundo para o Brasil é o do trabalho infantil, que também tem forte impacto econômico. “A OIT (Organização Internacional do Trabalho) tem relações muito diretas com essa questão. E disso decorrem impactos internacionais que permeiam a indústria, o comércio e produzem boicotes significativos de produtos de países onde um presidente fomenta o trabalho infantil, caso de Bolsonaro”, diz a deputada.

Ela menciona o fato de serem cada vez mais comuns campanhas de boicote a produtos brasileiros devido aos ataques ao meio ambiente. Em junho, grupos de comerciantes e ativistas europeus aumentaram as pressões pela retirada de produtos brasileiros dos supermercados, em protesto contra a política ambiental do governo Bolsonaro.

Os verdes na Europa

Na Europa, de modo geral, os ambientalistas têm peso político considerável e a destruição ambiental faz com que os políticos estejam “empurrando com a barriga” um desfecho do acordo comercial entre Mercosul e União Europeia, que interessa ao Velho Mundo economicamente. “Os europeus estão muito interessados, porque o capital deles é que vai se beneficiar do acordo. Mas a opinião pública resiste”, destaca Giorgio.

Na Alemanha, o mais poderoso país europeu, onde “os verdes” são politicamente muito fortes, os políticos temem que ignorar a questão ambiental possa ser fatal para suas pretensões nas eleições de 2021, quando o país – hoje comandado por Angela Merkel – escolherá um novo chanceler. No ano passado, segundo o Deutsche Welle, quando todos os eleitores alemães puderam votar nas eleições para o Parlamento Europeu, os verdes obtiveram mais de 20% dos votos, um resultado histórico.

“A opinião sobre um país da dimensão do Brasil, que trata as questões ambiental e de direitos humanos como o Brasil tem tratado, tem muito peso internacional”, opina Maria do Rosário.

Link: https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/politica/2020/09/destruicao-ambiental-e-ataques-a-direitos-humanos-no-brasil-voltam-a-pauta-politica-da-europa/

Em Foco VI

Quase 80% dos lares latino-americanos não resistem a 3 meses sem renda

Por: Federico Rivas Molina
28/09/2020

Os estragos produzidos pela pandemia golpeiam com especial dureza os lares mais vulneráveis. A queda do emprego evidencia que a capacidade das famílias para fazer frente a seus gastos regulares quando perde sua rende depende diretamente do desenvolvimento econômico dos seus países.

Enquanto nos Estados Unidos quase 50% dos lares conseguem se manter por até seis meses, o percentual cai para 5,5% no Equador e Paraguai, para 7% na Argentina, Peru e Colômbia e 14% no Brasil e Chile. Os dados são do relatório Vulnerabilidade financeira dos lares perante a covid-19: uma perspectiva global, desenvolvido pelo BBVA Research. “No caso de perder sua principal fonte de renda, 78% dos lares, em média, não cobririam seu custo de vida durante três meses”, adverte o relatório, que não inclui a Venezuela.

“Entre as certezas que já se têm está que os confinamentos decretados nos últimos meses levaram muita gente a perder seu emprego ou a ter que reduzir suas horas de trabalho. Isto implica o desaparecimento ou redução de sua renda, com o consequente impacto na economia e no bem-estar das famílias”, afirma o relatório, que analisa “qual é a capacidade dos lares para continuar mantendo seu nível de gasto corrente diante dessa perda de renda”. O resultado, segundo os pesquisadores, permitirá “abordar medidas que ajudem a paliar a deterioração no bem-estar ou a ampliação da lacuna de desigualdade”.

O conceito que norteia o relatório é o de “vulnerabilidade financeira”, isto é “a capacidade de fazer frente ou não às turbulências econômicas dependendo unicamente de recursos próprios”. Para medi-la, estima-se por quanto tempo uma família que perdeu sua renda conseguiria cobrir seus gastos em alimentação, energia, água, educação e saúde sem precisar recorrer a um crédito ou medidas mais extremas, como mudar de casa.

O resultado da pesquisa destaca a enorme disparidade que a pandemia causou entre economias desenvolvidas e em vias de desenvolvimento. Países como os Estados Unidos, Canadá e os europeus têm um alto grau de resiliência financeira, ou seja, são lugares onde quase 40% das famílias são capazes de subsistir sem renda por mais de meio ano. Quando o período é reduzido a três meses, a proporção média aumenta para metade das famílias. Na Espanha, por exemplo, dois em cada três lares são capazes de passar três meses sem renda alguma.

A situação muda dramaticamente nos países emergentes, sobretudo na América Latina. “Os dados do relatório sugerem que existe uma relação direta entre vulnerabilidade financeira e desenvolvimento econômico do país. Nos países emergentes do estudo (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru, Rússia e África do Sul) pouco mais de 10% das unidades familiares suportam mais de seis meses”. “Os níveis de resiliência financeira frente às medidas de confinamento decorrentes da pandemia são, portanto, significativamente menores nestas economias”, adverte o relatório. Além disso, em geral, depois do desconfinamento gradual na região, uma parte importante das famílias não recuperou seu nível de renda anterior à pandemia.

Fatores microeconômicos

O nível macroeconômico de um lar não basta para medir sua vulnerabilidade financeira. O relatório do BBVA volta os olhos também para aspectos microeconômicos que atrapalham as chances de sobrevivência. Por exemplo, “as características que definem a pessoa que toma as decisões financeiras no lar, como o gênero, o nível educacional, a idade e a situação profissional”.

A pesquisa encontrou fatores que se repetem entre os responsáveis por sustentarem os lares mais vulneráveis, “como ser mulher, ser muito jovem ou de idade avançada, ter apenas educação primária ou estar em situação de desemprego ou fazer parte do coletivo de pessoas inativas”. “Tais relações, entretanto, são condicionadas por fatores próprios de cada sociedade”, advertem os pesquisadores. Em todos os países da América Latina ocorre que os lares chefiados apenas por mulheres superam a média de vulnerabilidade financeira, sobretudo na Argentina, Brasil e Peru. Só o Paraguai escapa à norma.

A análise se baseou em pesquisas feitas por diversos organismos sob as diretrizes da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) para medir a educação e as capacidades financeiras da população. Os países estudados foram África do Sul, Argentina, Bolívia, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, Equador, Estados Unidos, Espanha, Finlândia, Hong Kong, Países Baixos, Paraguai, Peru, Reino Unido e Rússia.

Link: https://brasil.elpais.com/economia/2020-09-28/quase-80-dos-lares-latino-americanos-nao-resistem-a-3-meses-sem-renda.html?fbclid=IwAR0HJfDu_GJX6xQjT3U8Dtjf3xD6sCfbCp2dOhwCdpwlqXmLWHyod4a1tPY

Agenda Acadêmica

Lançamentos

CULTURA POLÍTICA E REVOLUÇÃO BURGUESA NO BRASIL: A INSTRUMENTALIDADE DO PENSAMENTO AUTORITÁRIO(1930-1945). Silene de Moraes Freire. Gramma. 2020

A coordenadora do Programa de Estudos de América Latina e Caribe(PROEALC) e do Observatório de Direitos Humanos(ODH) em breve irá fazer o lançamento de seu livro na UERJ.

PANDEMIA: COVID-19 E A REINVENCAO DO COMUNISMO. Slavoj Zizek . Boitempo. 2020.

Sinopse:

Uma pandemia global assola o planeta. Com a brusca mudança na rotina de bilhões de pessoas, vivemos em um momento em que o maior ato de responsabilidade é se manter distante daqueles que amamos. Nesta obra escrita em plena quarentena, o filósofo esloveno Slavoj Žižek mergulha de cabeça no espírito de nossa época. Ao longo de treze ensaios de escrita rápida, afiada e bem-humorada, são destrinchados diferentes aspectos do surto provocado pelo novo coronavírus: filosóficos, psicanalíticos, políticos, sociais, econômicos, ecológicos e ideológicos.
Quando governos austeros, reconhecidos por cortes implacáveis nos gastos públicos, decidem subitamente gerar trilhões, Žižek demonstra como uma nova forma de comunismo pode ser a única maneira de evitar uma descida à barbárie global.
Escrito com seu conhecido estilo irreverente e o gosto do autor por analogias da cultura pop (Tarantino, Hitchcock e H. G. Wells flertam com Marx, Hegel e Lacan nestas páginas), este livro fornece fotogramas concisos e provocativos da crise à medida que ela se alastra e engole todos nós.
Para apresentar a ousada tese que atravessa os ensaios que compõem esta obra, Žižek não se furta de travar um debate direto com outros intérpretes contemporâneos da crise causada pela covid-19, como Giorgio Agamben, Byung-Chul Han, Alain Badiou e Bruno Latour, entre outros.
O autor abriu mão dos direitos autorais da obra, que serão revertidos à organização internacional Médicos Sem Fronteiras, dedicada a oferecer ajuda médica e humanitária a populações em situações de emergência em todo o planeta.

BOLSONARO- O MITO E O SINTOMA. Rubens R. R. Casara. Contracorrente. 2020.

Sinopse:

Por meio de um texto claro e bem argumentado, Rubens R. R. Casara joga luzes sobre as condições que possibilitaram a propagação da campanha bolsonarista e seu “pensamento empobrecido”. Compreender como se conduz um significativo contingente da população brasileira a adotar a lógica neoliberal, que trata ideias e sujeitos como mercadorias, e a apoiar um líder de feição explicitamente autoritária, é um passo fundamental para pensar alternativas.Trata-se, pois, de livro obrigatório a todos os leitores interessados em compreender o fenômeno Bolsonaro e as suas possíveis consequências.

UBERIZAÇÃO, TRABALHO DIGITAL E INDÚSTRIA 4.0. Ricardo Antunes. Boitempo. 2020.

Sinopse:

Organizada por Ricardo Antunes, professor da Unicamp e sociólogo do trabalho, a obra é uma coletânea de artigos que desbrava os temas do trabalho digital, da uberização e plataformização do trabalho e do fenômeno da Indústria 4.0 e suas consequências para o universo laborativo e para a vida dos trabalhadores e trabalhadoras. O livro traz dezenove artigos de importantes pesquisadores e pesquisadoras, brasileiros e estrangeiros, que investigam, em diferentes setores, os impactos sociais decorrentes da expansão do universo maquínico-informacional-digital.

A uberização, conceito abordado, definido e expandido na obra, é um processo de individualização e invisibilização das relações de trabalho, que assumem a aparência de "prestação de serviços", obliterando relações de assalariamento e de exploração. O livro investiga como a introdução das tecnologias de informação e comunicação (TIC) no mundo produtivo funciona para aumentar o cenário de precarização do trabalho – prescindindo de salários e reduzindo pagamentos, ampliando o controle sobre e a competição entre os trabalhadores – por meio de análises de diferentes setores produtivos impactados pelo trabalho digital e pela Indústria 4.0, como o trabalho de entregadores de aplicativos, a indústria automobilística, o setor bancário e os setores de telemarketing e call-center.

Os artigos também enfatizam a importância dos movimentos de resistência à precarização, dos quais o "Breque dos Apps", a paralisação nacional dos entregadores de aplicativos ocorrida em 1º de julho de 2020, é o mais recente exemplo.

Expediente

Reitor
Prof. Ricardo Lodi Ribeiro
Vice-reitora
Prof Mário Sérgio Carneiro
Sub-reitora de Graduação
Profª Tania Maria de Castro Carvalho Netto
Sub-reitora de Pós-graduação e Pesquisa
Profª Egberto Gaspar de Moura
Sub-reitora de Extensão e Cultura
Profª Elaine Ferreira Torres
Diretora do Centro de Ciências Sociais
Prof.ª. Dirce Eleonor Nigro Solis
Coordenadora do PROEALC
Profª Silene de Moraes Freire

Editora Responsável
Profª Dra. Silene de Moraes Freire
Coordenação de Produção
Ms. Laís Morgado Marcoje
(PROATEC/PROEALC/UERJ)
Gabriel Santos de Andrade
(PROEALC/CCS/UERJ)
Diagramação
Gabriel Santos de Andrade
(PROEALC/CCS/UERJ)
Revisão
Os textos publicados são de responsabilidade dos autores.